

Uma publicação do Instituto Genildo Batista

2023 igual a 2024

Leia e divulgue esse interessante artigo sobre a dominação mundial e Nossa América, escrito pelo professor, jornalista e escritor cubano

Eddy Elpídio Jiménez Pérez

O **INFORMA-SE número 24** é o primeiro deste ano: **uma edição especial que trata sobre a geopolítica mundial e Nossa América.**

Em artigo intitulado **2023 igual a 2024**, escrito de forma brilhante para o INFORMA-SE, **Eddy Jiménez faz uma análise muito importante sobre os reais interesses dos Estados Unidos na Ásia, Europa e em Nossa América.**

E para mostrar **como começa 2024** - mais um ano, no meio da luta do império unipolar do grande capital contra os pequenos países e contra novas potências, que acreditam que o mundo pode ser multipolar - **Eddy faz um paralelo com o nascimento de Jesus Cristo.**

O Instituto Genildo Batista – IGB agradece ao professor Eddy Jiménez e solicita:

Leiam, debatam e divulguem o INFORMA-SE número 24

2023 igual a 2024

Embora nenhuma das contas feche, nem a de Mateus nem a de Lucas, pelas quais ainda poderíamos estar comemorando 2020 ou 2028 agora - os evangelhos foram escritos mais de 80 anos após a morte de Jesus Cristo e, portanto, nenhum de seus editores o conheceu - a verdade é que por herança, acabamos de começar 2024.

Também por herança nos chega a data de 6 de janeiro quando surgiram os Três Reis Magos do Oriente (só mais de 500 anos depois é que alguém identificou o número e os nomes: Melchior, Gaspar e Baltasar e que, na sociedade de consumo, poderiam muito bem ser denominados Comprar, Gastar e Desperdiçar), que visitaram aquela humilde criança palestina recém-nascida, com cujo nascimento e graças à religião cristã, uma nova era começaria no que hoje chamamos de Ocidente.

Segundo estas heranças, passaram-se 2.023 anos desde que aquele venerado profeta, então recém-nascido - de cuja fonte beberam todos os sábios posteriores - fosse visitado na sua humilde manjedoura para lhes oferecerem ouro, incenso e mirra.

Agora, vinte e um séculos depois, com o consentimento do Ocidente, os humildes berços de dezenas de milhares de crianças palestinas são visitados pelos aviões e pela artilharia que lhes levam, como oferenda, morte, sofrimento e não sei se um pouco de mirra para embalsamar seus cadáveres.

É assim que começa 2024...

É assim que começa 2024, mais um ano, no meio da **luta do império unipolar do grande capital contra todos os pequenos países, fracos economicamente, mas não de espírito, que procuram salvaguardar os seus direitos, inclusive o mais simples: o de existir como povo.**

Fazer com que os **sionistas israelenses desempenhem o papel de subgendarmes/polícia e controlem o Oriente Médio é fundamental para os interesses do imperialismo global.**

Assim, a República Popular da China será prejudicada nos seus planos de concorrência econômica através da Iniciativa Cinturão e Rota da Seda.

Para o grande capital ocidental, as vidas dos palestinos não importam.

Assim, 2024 também começa em meio à **luta do império unipolar contra novas potências que buscam encontrar espaço num mundo que acreditam deveria ser multipolar.**

Contra um deles, a Rússia, tentou-se estender até à sua fronteira central o braço armado mais poderoso, a OTAN.

Como tentaram alcançar esse objetivo?

Para tentar alcançar este objetivo, usaram um regime nascido de um golpe de estado - chamam-lhes agora revoluções coloridas, por conveniência - que massacrrou centenas de habitantes de origem russa na zona de Donbass.

Como esperado, a Rússia não iria permitir que os foguetes da OTAN atingissem Moscou apenas cinco minutos depois de terem sido disparados (nenhum país que tenha a força para o impedir o permitiria).

De antemão, o império unipolar sabia que a guerra iria deflagrar e com ela conseguiria também cortar a fecunda e cada vez mais crescente colaboração econômica entre os países europeus (de Portugal à Rússia).

Simplesmente não era conveniente para os Estados Unidos, o centro desse império unipolar e o seu principal gendarme/policial, que um novo bloco econômico crescesse na Europa e não lhe ficasse subordinado.

Na verdade, esse império unipolar já venceu essa guerra: conseguiu alinhar e subordinar, vergonhosamente, toda a Europa, ao mesmo tempo que impediu o início de uma recessão econômica, colocando em funcionamento o complexo militar-industrial a uma velocidade mais rápida e tornando-se o principal fornecedor de combustível fóssil de seus "aliados" europeus.

O imperialismo repete histórias...

Sob diferentes formas, o imperialismo repete histórias; durante a Segunda Guerra Mundial, muitos tanques alemães foram movidos por motores estadunidenses, e a "neutralidade" yanque foi mantida até que os Estados Unidos foram atacados pelo Japão.

Agora, de uma forma mais direta, sem a menor dissimulação, apoiam regimes fascistas como os de Israel e da Ucrânia e para isso lideram uma ampla coligação de governos que inclui não só a sua eterna aliada Inglaterra, mas também a Alemanha e a Itália.

**Estamos perante uma coligação em que todos são especialistas nas políticas de extermínio em massa!
O capital os cria e os une!**

Tal como a dos palestinos, a vida dos ucranianos também não importa. Não é à toa que se diz que os Estados Unidos lutarão contra a Rússia até o último ucraniano.

E o que será da América Latina e do Caribe em 2024?

Pois bem, para continuar por onde comecei, a situação poderá muito bem ser a mesma de 2020 ou a do futuro 2028.

O caminho para alterá-lo foi indicado por Rosa Luxemburgo quando, há mais de um século, cunhou para a história a expressão “**Socialismo ou barbárie**”.

Por sua vez, Che salientou-nos isto quando disse que é uma quimera tentar “...realizar o socialismo com a ajuda das armas estragadas que o capitalismo nos legou”.

Não haverá mudanças estruturais na Nossa América enquanto o sistema predominante for o capitalista e este só poderá ser substituído pelo socialista, única garantia de uma melhor redistribuição da riqueza, para eliminar a miséria, e também o único que poderia garantir, se ainda é possível, a sobrevivência da espécie humana.

A exploração, a guerra e a miséria têm sido os caminhos pelos quais o capitalismo nos tem guiado desde o seu nascimento, há mais de quatro séculos, e nenhum deles conduz à salvação da humanidade.

Sem hesitação, a esquerda latino-americana e caribenha deve regressar aos caminhos da ideologia e da luta socialistas.

O povo latino-americano está imerso numa terrível confusão ideológica, motivada em grande parte não só pela guerra cultural imperialista, mas também porque muitos dos seus líderes, autoproclamados progressistas e até de esquerda, deixaram de o ser por não enveredarem pelos caminhos das conquistas que seus povos anseiam.

Um exemplo nítido disso é o caso do presidente chileno que defendeu um projeto de constituição, elaborado por setores (mais ou menos) progressistas, onde não estava garantido o direito do povo às suas riquezas naturais, nem os direitos ancestrais da população indígena.

Essa constituição, se aprovada, substituiria a constituição de Pinochet de 1980 e foi rejeitada pelo povo através de um plebiscito. Esse mesmo povo, por sua vez, também rejeitou o projeto posteriormente apresentado por correntes totalmente de direita.

A leitura é explícita: nem nos supostos progressistas ou até esquerdistas, nem na direita tradicional o povo chileno confia para a resolução de seus problemas.

Formas que a direita opta para permanecer no poder através da “democracia” burguesa

Assim o desconhecido **Bolsonaro triunfou no Brasil**. Aliás, esteve a ponto de repetir a vitória, com a qual se consolidaria agora uma nova aliança neofascista na América do Sul, após a **chegada de Milei ao governo na Argentina**; governo que o oscilante **Alberto Fernández** tentou conduzir entre o **reformismo progressista** de Cristina Fernández de Kirchner e a **direita peronista tradicional**.

Da mesma forma que o povo norte-americano votou em **Donald Trump**, ao **apresentar-se como um político antissistema**, Bolsonaro triunfou no Brasil e Milei na Argentina.

Nesse sentido, cabe perguntar se neste mesmo ano, 2024, Donald Trump triunfará novamente nas eleições e se Bolsonaro o fará nas eleições de 2026.

A **construção midiática de um “antissistema”** é uma das formas que a direita opta para permanecer no poder através da “democracia” burguesa. Se no futuro visse esse poder comprometido, **optaria, sem o menor escrúpulo, pelo fascismo nas suas formas mais duras e cruéis**. A história atesta isso.

Não é à toa que **o imperialismo investe milhões numa máquina de propaganda destinada a distorcer a história, a colonizar culturalmente a humanidade para fazer as pessoas esquecerem o passado que não convém aos interesses imperiais** e, especialmente **para que as novas gerações ocupem as suas mentes com banalidades**.

Eleições 2024 na América Latina

Aliás, por falar em eleições, este ano na América Latina serão realizadas **eleições presidenciais em seis países: El Salvador** (fevereiro), **Panamá** e **República Dominicana** (maio), **México** (junho), **Uruguai** (outubro) e **Venezuela** (final do ano).

São apresentadas pela propaganda imperialista como o símbolo da força da democracia na região.

É assim que **semeiam esperança de soluções para os problemas que os povos enfrentam**.

É óbvio que **o que foi dito acima não será válido para as eleições que se realizarão na Venezuela se as autoridades desse país não permitirem a participação da contrarrevolução, autora de centenas de crimes, alguns deles horrendos como queimar seres humanos vivos e o saque de bilhões de dólares praticado através do governo estadunidense**.

Se a contrarrevolução participasse e, logicamente, não ganhasse, alegariam algo para tentar demonstrar que as eleições não foram transparentes e, portanto, não foram válidas.

Toda a máquina de propaganda estará à disposição para **“demonstrar” a existência de uma terrível ditadura que se mantém no poder na Venezuela**.

Eleição como fim para conquista do governo ou como o início de uma batalha para chegar ao poder?

Sem menosprezar de forma alguma a importância da **realização de processos eleitorais** - mesmo quando enquadrados nas regras burguesas - **os seus resultados não significarão nada se não forem precedidos por uma forte mobilização popular, na luta por objetivos de mudança social**, que acompanhe o futuro governo, ou exija o seu cumprimento, pois se depois da vitória nada se concretizar, **diante da falta de alternativas, poderão ocorrer experiências de retrocessos, ao estilo de Bolsonaro e Milei.**

É evidente que **o que foi dito acima não significa que vemos os processos eleitorais apenas na forma bicolor.**

O essencial é que os vejamos não como o fim para conquista do governo, mas como o início de uma batalha para chegar ao poder.

A primeira tarefa de um líder de esquerda deve ser **preparar o povo para poder chegar ao poder e não para, como objetivo, triunfar num processo eleitoral.**

O líder que pensa dessa última forma, uma vez no governo, **não passará de um simples reformista e decepcionará o seu povo.**

Explicitando...

É óbvio que **também deve ficar explícito** que um **México** liderado por **Andrés Manuel López Obrador** - para usar apenas alguns termos, ele dignificou o país, limpou-o e recuperou a sua soberania política - não é de forma alguma o mesmo que o de um Enrique Peña Nieto ou Felipe Calderón.

Os governos de **Gustavo Petro** nada têm em comum com o de Iván Duque, na **Colômbia**, ou o de **Xiomara Castro** com o de Juan Orlando Hernández, em **Honduras.**

Devemos **admirar, respeitar e apoiar** estes três líderes, ao mesmo tempo que **compreender que no quadro das realidades em que vivem os seus países, é quase impossível para eles/ela mudarem as estruturas que herdaram.**

Aconteça o que acontecer, **sempre haverá elogios, nesses casos, de um antes e de um depois.**

Poderia o imperialismo ter conseguido colocar-lhes no governo?

Estou convencido que sim, mas **por trás deles/dela havia povos que poderiam ter desencadeado movimentos que tomem não só o governo, mas também o poder e prosseguissem com mudanças estruturais, que têm nome:**
Revolução!

Os Estados Unidos já não podem circular tão livremente... Mas, não nos iludamos!

Pedro Castillo nem sequer foi autorizado a chegar ao governo. O imperialismo e a oligarquia peruana sabiam que **tinham poder suficiente para não deixar que um professor primário, ademais um caboclo, lhes desse lições de como governar e, assim, abrir um precedente.**

A chegada de **governos progressistas**, nos últimos anos, ao **México, Colômbia, Honduras** e recentemente à **Guatemala**, bem como o **recoo que tiveram que empreender na Bolívia** ao terem que aceitar o regresso do MAS (Movimento ao Socialismo), incluindo a prisão de Jeanine Áñez, e a **eleição de Pedro Castillo como presidente constitucional do Peru** demonstram que, para melhor, **os Estados Unidos já não podem circular tão livremente no que desdenhosamente consideram ser o seu quintal.**

Como algo mais que importante, primordial, que demonstra a perda da influência imperialista e a deterioração do seu poder, cabe ressaltar que apesar de serem vítimas de todos os tipos de agressão, **as revoluções em Cuba, Venezuela e Nicarágua permanecem e continuarão no Poder atravessadas como espinhas na garganta do tubarão.**

Mas não nos enganemos, os Estados Unidos sabem que **nasceram como um império na América Latina e no Caribe** e também sabem que **se perderem essa zona de influência deixarão de ser a potência de primeira ordem, o gendarme mundial do império capitalista unipolar** e, portanto, usará todos os meios ao seu alcance para manter a sua hegemonia aqui.

Na prática é o Comando Sul e não o Departamento de Estado que dirige a política do atual governo estadunidense em relação à Nossa América.

Não é por prazer que **o Pentágono tenta colocar forças armadas na Guiana** (tanto para encurralar a **Venezuela** como para **defender os interesses da ExxonMobil**). **Daniel Noboa**, no Equador, já aceitou a entrada de tropas norte-americanas e no **Peru**, o governo de **Dina Boluarte** já **coopera abertamente com os Estados Unidos na esfera militar.**

Dez anos depois da **II Cúpula Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac)**, em que os **33 países da Nossa América proclamaram a América Latina e o Caribe como zona de paz**, o governo dos **Estados Unidos multiplica seus esforços para destruir todos os esforços destinados a esse fim** e para isso necessitam, frente às potências emergentes, fazer sentir a sua presença unipolar em todos os domínios.

Termino este artigo justamente explicando o título com que o batizei. É que **os setores progressistas e a esquerda latino-americana terão que estudar muito e sobretudo trabalhar para que 2024 não seja igual a 2023 e pior ainda, 2030 não se pareça em nada com 2024.**

Tradução: Alejandro Faiad
REVISÃO, EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Lujan Maria Bacelar de Miranda